

CM

Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O. Carm. -- ANO X - II Série -- Nº. 73 -- Outubro de 2003



EDITORIAL

OBRIGADO, JOÃO PAULO III!

Ao celebrarmos os 25 anos de Pontificado do Papa João Paulo II, o primeiro sentimento que a todos nos invade é o de darmos graças a Deus por estes seus 25 anos de Pastor da Igreja Universal.

Do muito que se tem escrito e continuará a escrever, avaliando e analisando o pontificado de João Paulo II, quase todos estarão de acordo que é foi um pontificado que marcou profundamente a história da Igreja e a própria história do mundo nestes 25 anos. Sobretudo, marcou a história e a vida milhões de pessoas em todos os cantos do mundo.


Podemos afirmar que a sua mensagem e a sua imagem são de tal modo atractivas, tanto hoje como há 25 anos. E o que me surpreende e até questiona é o porquê da sua mensagem e da sua imagem de hoje não terem menos impacto e não deixem de ter a mesma força que tinham no início do seu pontificado. A sua pujança física inicial e a sua voz forte e entusiasmada quando nos dizia "Abri as portas a Cristo... Não tenhais medo!", não têm menos força e impacto do que aquela expressão de dor e sofrimento, que nos últimos tempos ele nos tem dado ou até quando apenas "escutamos" o seu silêncio quando já quase sem voz para continuar a ler um discurso e simplesmente como qualquer outro mortal balbucia aquela expressão que revela toda a sua humanidade: "Valha-me Deus!" ... A resposta para tudo isto está na opinião, que eu partilho, da jornalista Aura Miguel, que o acompanhou na maior parte das suas viagens e que diz numa entrevista que transcrevemos na página três deste Boletim: "O que mais me impressiona é a sua profunda humanidade. A sua humanidade é tão extraordinária que, acho, é esse o segredo da sua atractividade."

Por tudo isto e por muito que possamos analisar e avaliar a sua mensagem e a sua obra, para mim ficará para sempre a imagem do seu profundo humanismo, nas suas mais variadas expressões e dimensões. E hoje tal como ontem na realidade da sua doença e do seu sofrimento ele continuará a ser, enquanto Deus assim o entender, o rosto de Cristo nesta terra. Neste sentido, cito a parte final de um excelente artigo publicado por Graça Franco no jornal *Público* do dia 6-10-2003: "Não tenhais medo! Disse-nos. Percebia-se que ele próprio sabia o que estava a dizer. A sua figura trémula parece dizer hoje o mesmo, com a mesma energia, numa sociedade escrava da beleza que deixa os seus filhos mais velhos morrer de solidão e desprezo. Não tenhais medo de viver até ao fim! Porque, mesmo quando as mãos tremem e as palavras faltam, vale a pena viver sem demissões até ao último segundo."

Aqui deste canto do mundo, desta parcela da tua Igreja, do teu rebanho do qual tu és o pastor, da Paróquia de Santo António dos Cavaleiros, também nós te dizemos: OBRIGADO, JOÃO PAULO III!

Pe. Ricardo Rainho, O. Carm.

Faz-te ao largo!... à tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)



TERÇO VIVO
18 de Outubro
Estádio Nacional

ESTÁDIO NACIONAL
18 de Outubro – 18,00 Horas

Com o objectivo de comemorar os 25 anos do Pontificado do Papa João Paulo II e encerrar o Ano do Rosário, vai ter lugar em Lisboa, no **Estádio Nacional**, no próximo dia **18 de Outubro**, pelas **18 horas**, o **TERÇO VIVO**.

A celebração terá dois momentos fortes.

A primeira parte será a **oração do Terço**, com a **Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima**, num enorme Terço Vivo cujas contas serão formadas cada uma por cerca de 30 pessoas (Avé Maria) e cerca de 50 pessoas (Pai Nosso).

A segunda parte é a **Eucaristia**, presidida pelo **Cardeal Patriarca de Lisboa**, e em que participarão outros Bispos e Presbíteros de Portugal.

ESTATÍSTICAS DE 25 ANOS DE PONTIFICADO

Duração do pontificado

Excluindo S. Pedro (único pelo modo da sua eleição e pela forma como se tornou Bispo de Roma), no momento em que João Paulo II celebra 25 anos de pontificado, só outros dois Papas ultrapassaram o tempo deste pontificado: Pio IX, que reinou durante 31 anos e 7 meses, desde 1846 até 1878, e Leão XIII, que foi Papa durante 25 anos e 5 meses, desde 1878 até 1903. Em Março do próximo ano, se João Paulo II ainda viver, terá ultrapassado também a duração do pontificado do Papa Pecci, sucessor do último Papa-Rei de Roma e do Estado Pontifício, terminado em 1871.

Viagens

O número e a duração das viagens são o sinal e o efeito do método diferente de governar a Igreja de João Paulo II, que introduziu neste campo uma autêntica revolução.

As viagens podem ser consideradas como uma única e grande peregrinação, por etapas, em direcção ao coração do homem que vive e sofre, no mundo inteiro.

Foram 102 as viagens internacionais, realizadas por João Paulo II. A última teve lugar em Setembro, à Eslováquia.

Acrescentando as 142 visitas pastorais às dioceses italianas – o Papa é também Primaz da Igreja em Itália –, o número de quilómetros percorridos é de 1.243.700, o que equivale a 31 vezes a volta ao mundo e a 3,23 a distância que separa a Terra da Lua.

Este Papa passou 952 dias fora do Vaticano (dois anos e sete meses e meio), ou seja 10% de todo o pontificado, e visitou 129 dos 192 países do mundo. Portugal recebeu por quatro vezes João Paulo II: um ano após o atentado, de 12 a 15 de Maio de 1982, quando João Paulo II visitou também Vila Viçosa, Coimbra, o Sameiro e o Porto, de onde se despediu pela primeira vez de Portugal; dez anos após o atentado, de 10 a 13 de Maio de 1991, visitando também Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Funchal e, obviamente Lisboa e Fátima; no ano 2000, nos dias 12 e 13 de Maio, para beatificar os Pastorinhos. Além destas viagens "oficiais", o Papa esteve em Lisboa em Março de 1983, a caminho da América Central.

Às viagens de carácter internacional, há que acrescentar as 301 visitas pastorais às Freguesias da Diocese de Roma (são cerca de 340) e outras numerosas deslocações no âmbito da sua Diocese, entre Roma e Castel-gandolfo, as deslocações para passar férias nas Dolomites ou nos Alpes e as visitas a Instituições na cidade de Roma ou aos organismos da própria Cidade do Vaticano – exactamente 42. O total de todas estas viagens e deslocações, aparentemente menores, mas que implicam o mesmo esforço de preparação e se traduzem igualmente em milhares de quilómetros percorridos – é de 738. A última destas "viagens menores" foi até à sede do Parlamento italiano e a que é considerada a mais longa – metaforicamente – foi a que João Paulo II realizou à Sinagoga de Roma, em 1986: "apenas um quilómetro de distância do Vaticano, mas que transpôs 2.000 anos de separação!"

Pessoas que viram pessoalmente João Paulo II

Aqui, os cálculos são mais difíceis, mas há dados para afirmar o seguinte:

Em 15 ocasiões, João Paulo II celebrou missas diante de multidões superiores a um milhão de pessoas: em Manila, em 25 de Janeiro de 1995 (encerramento do Dia Mundial da Juventude) estavam presentes 4 milhões de pessoas; na primeira viagem ao México, em 28 de Janeiro de 1979, durante a deslocação até Puebla, no primeiro "Papamóvel" da história, foi saudado por mais de dez milhões de pessoas, num percurso de 133 quilómetros!

Mais fácil é contudo quantificar o número de pessoas que, até hoje, participaram em Roma nas audiências gerais e encontros antes do Angelus: mais de 17 milhões de pessoas. A Prefeitura da Casa Pontifícia calcula em 85 milhões as pessoas que viram o Papa, em Roma, ao longo destes 25 anos de pontificado.

Globalmente, calcula-se que tenham sido 400 milhões as pessoas que viram o Papa, em Roma ou durante as suas viagens.

Sínodos e Cardeais

Destinados a reforçar o governo colegial da Igreja, foram 6 os Sínodos ordinários e 7 os Sínodos especiais, além de 1 extraordinário e outro particular. No total, foram 15 sínodos, todos presididos por João Paulo II, no Vaticano. Vale a pena recordar que o Ano Santo foi preparado com cinco sínodos de carácter continental, de que resultaram outras tantas Exortações Apostólicas Pós-Sinodais, intituladas "Ecclesia in... Europa, África, Ásia, América, Oceânia". Além disso, houve 6 reuniões especiais com os Cardeais para aconselhamento em questões específicas.

Quanto às nomeações cardinalícias – e sem incluir os 31 nomeados no último Domingo pelo Papa, que serão feitos cardeais no próximo consistório, a 21 de Outubro - João Paulo II fez 201 cardeais em 8 consistórios. Até agora, dos 166 cardeais vivos, 144 foram nomeados por João Paulo II, e em 109 eleitores (os cardeais com menos de 80 anos) apenas 5 foram nomeados por Paulo VI. Já não há nenhum do tempo de João XXIII.

Santos e Beatos

João Paulo II, em 140 cerimónias de beatificação, proclamou 1319 novos beatos (1312 com beatificação formal, 4 com decreto de confirmação do culto e 3 autorizando a celebração da missa e do ofício divino).

Antes do actual Sumo Pontífice, desde 1588 (data a partir da qual a Santa Sé reservou para a si a autoridade para fazer tais proclamações), os seus antecessores tinham proclamado "apenas"... 1310 beatos.

Além dos 1319 beatos, em 49 cerimónias, o Papa proclamou 473 Santos. Os seus antecessores, sempre desde 1588, tinham proclamado "só" 300. No total, João Paulo II proclamou santos ou beatos 1792 figuras da Igreja, mais 182 do que todos os seus antecessores em 4 séculos.

Milhares de páginas publicadas

Como consequência das viagens e resultado de um ministério da palavra que se pode considerar frenético, é extraordinária a quantidade de discursos, alocações e documentos, incluindo as 14 encíclicas, preferidos ou publicados ao longo deste pontificado. A Casa Editora do Vaticano tem muitos metros das prateleiras das suas estantes ocupadas com dezenas de volumes que incluem todos os ensinamentos deste Papa: até Junho de 2001 eram 50 e continham 79.966 páginas. Em breve, mesmo considerando a limitada extensão dos discursos dos últimos anos, os volumes serão 54 e as páginas serão mais de 80.000 – sem contar com os índices, que ocupam mais 5.000 páginas!

Em média, nos primeiros 18 anos de pontificado, João Paulo II leu todos os anos cerca 3500 páginas. Também é preciso dizer que todo este manancial de documentação é muito mais fácil de ler e consultar no suporte digital, existente desde o início dos anos 90, do que folheando dezenas de grossos volumes – embora talvez não seja menos gratificante a experiência de ter em mãos essas obras preciosas, cuidadosamente encadernadas e impressos em papel de qualidade!

Nunciaturas

Este foi um outro sector que João Paulo II privilegiou, numa abertura diplomática a todos os povos: durante este pontificado, quase duplicou o número de países com os quais a Santa Sé mantém normais relações diplomáticas ao nível de Nunciatura Apostólica: de 92, no início do pontificado (incluindo a Ordem Soberana de Malta, que tem a sua sede em Roma), passou-se para os actuais 176 (174 estados, a União Europeia e a Ordem de Malta); além disso há duas Missões de carácter especial: a Rússia e Autonomia Palestiniana.

FERNANDO PINHO,

Ex-Jornalista Radio Vaticano

In Agência "Ecclesia", nº. 930, pp.8-9

Faz-te ao largo!...

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

HUMANISMO DE UM PAPA

É a jornalista portuguesa que mais acompanhou o Papa João Paulo II, em Roma e nas suas viagens apostólicas. Em entrevista à Agência Ecclesia, anota opiniões de 25 anos de pontificado e da sua importância para a História da Igreja e das sociedades.

Agência Ecclesia – João Paulo II marca a agenda da comunidade internacional?

Aura Miguel – Desde há 25 anos! A sua eleição instaurou um novo estilo de pontificado, definido por ele próprio como um pontificado itinerante. João Paulo II afirma a consciência de ser fundamental correr o mundo - como fez S. Paulo no seu tempo. Quando o Papa fez a sua 100ª viagem explicou que se propôs seguir os passos do apóstolo de que ele é herdeiro. Isto para além de motivações das Igrejas que o recebem (que abrange todos os sectores da realidade, também política).

AE – Há a planificação de iniciativas, nomeadamente viagens, que possam influenciar decididamente a história?

AM – As marcações das viagens resultam sempre de convites dos Bispos que visita e tendo em conta as necessidades pastorais das Igrejas a visitar. Para quem convida, admito que obedeça a uma determinada estratégia: “dá jeito” aos bispos que o Papa visite as suas igrejas locais, a interesses políticos e partidários... Recordo-me, por exemplo, do convite a visitar Cuba... certamente que Putin gostaria de ver o Papa na Rússia por motivos que não são os do Papa: o único critério é pastoral. Agora, que por causa de determinada viagem o mundo mude, a história do país, do continente ou até mundial, é possível. Mas o Papa não promove viagens com essa intenção. Faz para anunciar Cristo, cumprindo o que afirmou no início do seu pontificado: “Abri as portas a Cristo, nos sistemas políticos, económicos e culturais”. Abrindo as portas a Cristo, muda o mundo!

AE – As viagens ao Leste da Europa, nomeadamente, poderemos encontrar nelas um plano que conduza à abertura do leste ao mundo democrático?

AM – De certo modo sim. É verdade que a primeira visita à Polónia foi muito “negociada”. O fio condutor é sempre “abri as portas a Cristo”. Isso implica que Cristo esteja em todas as dimensões do homem, nomeadamente onde ele ainda não esteja.

A insistência de João Paulo II em ir à Polónia levou ao “abrir as portas a Cristo” antes de mais dos polacos e, depois, do mundo do leste. Cristo é o Senhor da História. Se lhe abrimos as portas, ele muda-a. As iniciativas de João Paulo, o desejo de viajar, foram um instrumento fundamental para esta mudança.

Não se pode trocar a ordem dos factores: porque causa da convicção e profunda determinação de que Cristo ressuscitou e, portanto, é a resposta aos anseios do coração do homem, dos povos e das nações que o Papa viaja. E ficou demonstrado que, assim, consegue mudar a história.

AE – Karol Wojtyła é um líder religioso da passagem do milénio?

AM – Sem dúvida. Mesmo para os que não têm religião, João Paulo II é uma grande autoridade moral. Ele vive com tanta verdade e com tanta convicção, ele é tão credível no seu próprio exemplo pessoal que se torna irresistível para qualquer pessoa, independentemente de ser cristão, católico, de outra religião ou para os que não crêem em Deus. É muito evidente o respeito e a autoridade moral que ele tem, em certo sentido, “anterior” ao facto religioso. É algo inegável pela riqueza e pela grandeza do que ele é como pessoa. É um homem força de série, reconhecido por pessoas

independentemente da religião.

Enquanto líder religioso é a única personalidade do mundo – como lhe disse um líder judaico no II Encontro de Assis – que consegue reunir líderes religiosos de todo o mundo, após acontecimentos como o 11 de Setembro, num grande grito ao mundo a favor da paz e afirmando que a religião nunca poderia ser factor de guerra.

Houve muitas vezes que, na altura em que convocou o II Encontro de Assis, temeram que não corresse tão bem como o Encontro de 86 em que se vivia um ambiente de “guerra santa”. Mas a única coisa que não correu bem foi que, no momento da paz, os líderes religiosos em vez de dar um abraço ao vizinho foram todos dar um abraço ao Papa: o maior sinal de que João Paulo II é um líder religioso.

AE – Política e socialmente também?

AM – Correndo o risco de simplificar, acho que política e socialmente também. Do ponto de vista social, bastará olhar para os seus documentos e vemos como norteiam todos aqueles que têm preocupações de valorizar o homem e a dignidade do trabalho. Também por causa da sua experiência de vida na juventude e da realidade dura do trabalho que experimentou – na sequência de extraordinários documentos sobre a Doutrina Social da Igreja de Papas anteriores – as encíclicas e outros documentos dedicados à Doutrina Social de João Paulo II têm sido de uma grande luminosidade, ajudando a consolidar toda a doutrina social da Igreja que já existia antes deste pontificado.

Do ponto de vista político... basta ver a preocupação e a tentativa contínua de manipulação que os políticos fazem das palavras do Papa. Cuba é um exemplo. Foi uma visita difícil de negociar, apesar do interesse de Fidel: interessou-lhe que os olhos do mundo estivessem postos em Cuba que recebia o Papa, mas não queria, por exemplo, que os discursos do Papa fossem transmitidos em directo...

AE – Será difícil fazer a história deste Papa, classificando-o, em poucas palavras. Mas, qual será, para uma jornalista que o acompanha com frequência, o primeiro atributo de João Paulo II?

AM – É impossível, para mim, classificar este pontificado!... De ir-adiato, olho-o com profunda humanidade.

Não gosto de o ver como um homem religioso, que o é claramente, como um homem de oração, de inteligência, de cultura... etc. O que mais me impressiona é a sua profunda humanidade. A sua humanidade é tão extraordinária que, acho, é esse o segredo da sua atractividade. É a única coisa que explica que jovens continuem atraídos por João Paulo II, apesar das evidentes fragilidades. Por exemplo, na recente visita à Eslováquia, ele estava praticamente imobilizado, praticamente sem poder mexer nem falar, as pessoas estavam aos milhares numa celebração comovidas e gratas pela presença daquele Papa, que reflecte humanidade. Para mim, a melhor síntese foi encontrada pelo cardeal Ratzinger quando disse ao Papa, no dia do seu aniversário, que ele é o reflexo do rosto de Cristo. O rosto de Cristo que o Papa sempre nos convida a fixar o olhar... João Paulo II já é o reflexo deste rosto. E por isso é que ele é tão fascinante e tão atractivo: porque Cristo é profundamente humano.

In Agência Ecclesia, nº 930, p. 6

Faz-te ao largo!...

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

RESPONSABILIDADE SOLIDÁRIA PELO BEM COMUM

Resumo da Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa

INTRODUÇÃO

1. Criado por Deus para a felicidade, o ser humano encontra na sua dedicação ao bem da comunidade em que se insere os meios para realizar essa felicidade pessoal e social. É missão da Igreja contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa e fraterna, mais responsável e solidária. Ninguém pode ficar excluído dessa tarefa permanente.

A crise que atinge o nosso mundo e, em particular, o nosso país e o espaço europeu em que se situa, não é apenas uma crise económica mas também, e sobretudo, uma crise espiritual e moral. Entre outros aspectos, ela traduz-se na relativização de valores e princípios, na perda de confiança num futuro melhor, na demissão em lutar por uma sociedade mais justa e pacífica, no refugiar-se em seguranças meramente individuais e privadas.

Como Bispos, temos especial obrigação de anunciar o Evangelho de Cristo, apresentando as implicações que ele tem na sociedade humana. O ser humano entendido como pessoa em comunidade e os critérios evangélicos da construção da comunidade fundada no amor implicam a urgência em despertar os dinamismos inerentes à pessoa, tais como a confiança e a esperança num futuro com sentido de vida, a participação solidária e o empenhamento responsável pelo bem comum.

Portugal pode ser diferente, com o contributo positivo de todos. Os cidadãos devem ter consciência da sua responsabilidade no crescimento da sociedade como comunidade.

Contexto social em que nos situamos

3. (...) A nossa voz crítica de tantas situações concretas só tem sentido na medida em que assumirmos uma atitude comprometida e dedicada ao bem comum, uma vez que o futuro da comunidade portuguesa depende de todos nós. Isso exige uma nova responsabilidade moral na sociedade, uma confiança solidária e uma esperança renovada no nosso país. Este mundo em turbulência e em crise de identidade oferece-nos um tempo de gestação para um mundo justo e fraterno. Pela fé, acreditamos que Jesus Cristo é o sentido desta mudança e o Evangelho aponta caminhos de verdade, de justiça, de liberdade e de paz. Procuramos o diálogo com todos os que queiram contribuir responsabilmente para a afirmação dos valores éticos na nossa sociedade, em atitude de serviço à comunidade humana em que nos inserimos.

Os pecados sociais da nossa sociedade.

4. Ao olharmos o nosso país, com os problemas que o atravessam, na perspectiva da edificação de uma sociedade solidária, identificamos algumas atitudes e linhas de comportamento, a que podemos chamar "pecados sociais" e que exigem uma conversão à solidariedade responsável na construção do bem comum:

- a) os egoísmos individualistas, pessoais e grupais, sem perspectiva do bem comum mais global;
- b) o consumismo, fruto de um modelo de desenvolvimento, fomentado pelos próprios mecanismos da economia, que gera clivagens entre ricos e pobres e gera insensibilidade a valores espirituais;
- c) a corrupção, verdadeira estrutura de pecado social, que se exprime em formas perversas, violadoras da dignidade

humana e da consciência moral pelo bem comum;

- d) a desarmonia do sistema fiscal, que sobrecarrega um grupo, e pode facilitar a irresponsabilidade no cumprimento das justas obrigações;
- e) a irresponsabilidade na estrada, com as consequências dramáticas de mortes e feridos, que são atentado ao direito à vida, à integridade física e psicológica, ao bem-estar dos cidadãos e à solidariedade;
- f) a exagerada comercialização do fenómeno desportivo, que tem conduzido à perda progressiva do sentido do "jogo" como autêntica actividade lúdica, e a falta de transparência nos negócios que envolvem muitos sectores e profissionais dalgumas áreas do desporto;
- g) a exclusão social, gerada pela pobreza, pelo desemprego, pela falta de habitação, pela desigualdade no acesso à saúde e à educação, pelas doenças crónicas, e que atinge particularmente as famílias mais carenciadas, as crianças e as pessoas idosas, e determinados grupos sociais.

5. Os "pecados sociais" têm a sua origem primeira no coração da pessoa, quando exclusivamente fechada no seu egoísmo, sem qualquer abertura aos outros seres humanos. Podem concretizar-se em sectores vitais da sociedade, como a família, a escola e os meios de comunicação social, quando se demitem do seu papel de participar na construção do bem comum, respeitando a dignidade do ser humano. Para contrariar ou combater estes "pecados sociais" exige-se a educação nos valores, o gosto do bem comum, a generosidade como atitude social, a paixão por um Portugal melhor.

Com esta Carta Pastoral queremos ser apelo à responsabilização de todos na construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais solidária. Interessa ver a crise ou as crises com olhar confiante, discernir os problemas com análises responsáveis, e assumir atitudes participativas e construtivas do bem comum.

Importa reafirmar, neste campo, os grandes princípios da doutrina social da Igreja, em particular a dignidade da pessoa humana, o bem comum, a solidariedade e a subsidiariedade. —

OS GRANDES PRINCÍPIOS DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

Primado da pessoa humana sobre as instituições sociais

7. (...) Estamos convictos de que a edificação de uma sociedade humanizada, solidária e fraterna só se consegue em plenitude, na medida em que se recuperar e aprofundar o sentido de Deus na história humana, raiz e fonte inesgotável da dignidade da pessoa humana.

Pelo princípio da dignidade da pessoa humana, todos os seres humanos são iguais e solidários, todos têm o direito e o dever de participar na construção do bem comum da sociedade. Não se pode reduzir a existência humana a um mero individualismo, nem limitá-la a um simples colectivismo. Este princípio é fundamento dos princípios da solidariedade e da subsidiariedade, e seu relacionamento recíproco. Além disso, é critério essencial para fundamentar todas as críticas às possíveis interpretações unilaterais desses princípios.

Continua na Página Quatro

Faz-te ao largo!...

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

Continuação da Página três

Solidariedade no bem comum

10. A responsabilidade por uma sociedade justa e solidária fundamenta-se na sociabilidade natural da espécie humana e na interdependência das relações sociais como um facto indiscutível e incontornável, assumido como desafio: a forma construtiva de o fazer é precisamente aquela responsabilidade que se chama solidariedade.(...)

11. As “estruturas de pecado” situam-se no contexto de maneiras de organizar a sociedade contrárias ao progresso humano, ao desenvolvimento pessoal e ao bem comum. (...)

Quando se tenta dar um nome à raiz dos males que nos afligem e que são profundamente lesivos do bem comum, poder-se-ia falar de “egoísmo”, de “vistas curtas”, de “cálculos políticos errados”, de “decisões económicas imprudentes”, de “mecanismos perversos”. Está sempre presente um “eco de natureza ético-moral”. A condição do homem é tal que torna difícil uma análise mais profunda das acções e das omissões das pessoas, sem implicar, duma maneira ou doutra, juízos ou referências de ordem ética”

Subsidiariedade como defesa e promoção da pessoa e da sociedade civil

12. O princípio da subsidiariedade está intrinsecamente ligado ao da solidariedade e é também fundamento da responsabilidade justa e solidária de todos na sociedade, como comunidade de comunidades, que existe a todos os níveis: internacional, nacional, regional e local. A mais pequena dessas comunidades é a família, a célula básica da sociedade humana. Uma sociedade bem construída é aquela que prioriza a integridade, a estabilidade e a saúde da vida familiar. Como princípio de boa governação, nenhuma lei deveria ser aprovada sem se considerarem os efeitos que ela possa ter sobre a vida familiar, de modo especial nas crianças.

Todos são responsáveis por todos, colectivamente, na procura do bem comum, ao nível da sociedade ou da nação, e não apenas em plano individual. Este princípio da doutrina social da Igreja permite a máxima participação e a melhor ordenação da actividade de todos na construção da sociedade.

III

APLICAÇÃO DESTES PRINCÍPIOS A ALGUMAS ÁREAS DO BEM COMUM

15. Em vários sectores da vida da comunidade, a responsabilidade colectiva está longe de atingir níveis satisfatórios na realização do bem comum.

A preocupação pelo bem comum, assente na igualdade, na justiça e na solidariedade, é dever de todos os cidadãos. É a primeira responsabilidade das autoridades públicas. Ninguém pode ficar excluído do bem-estar comum e da participação na vida da comunidade. Todos têm o dever de colaborar e promover o bem-estar da comunidade. Todos têm o direito a dele beneficiar.

O enriquecimento de alguns que provoque exclusão de uma parte da sociedade, é moralmente inaceitável e injusto. A “opção pelos pobres”, enquanto promoção do bem de todos, sem exclusões nem desigualdades, é a opção pela justiça do bem comum, é o primeiro dever dos cidadãos para que ninguém fique à margem do bem comum, lutando para que todos tenham os meios suficientes para participar na vida da comunidade.(...)

IV

SINAIS DE PARTICIPAÇÃO SOLIDÁRIA

25. A partir da leitura da realidade e à luz dos princípios orientadores da doutrina social da Igreja, elencámos algumas áreas da sociedade que exigem responsabilidade social dos cidadãos, no conjunto de deveres e direitos. Quisemos discernir e interpretar os sinais dos tempos, examinando criticamente alguns aspectos da sociedade actual à luz dos critérios do Evangelho, dos quais brotam esses princípios de orientação para a responsabilidade justa e solidária.

Notamos que, na sociedade portuguesa, há muitos sinais positivos, imbuídos de esperança e de responsabilidade dos cidadãos, que necessitam de ser continuamente revitalizados:

- uma nova atitude perante os problemas, marcada pelo dinamismo da esperança, que se exprime no discernimento crítico dos problemas sociais, na denúncia de todas as formas de exclusão e de egoísmo e na participação solidária e responsável nas soluções;
- a tomada de consciência da sociedade como comunidade cultural, quadro de sentido da existência e da vida dos povos;
- a promoção de todas as formas de educação para a vida, para o ambiente, para os valores, para a cidadania, para a democracia, para a solidariedade e para o bem comum;
- o incremento de tantas formas de voluntariado, num autêntico espírito de solidariedade e com poder efectivo de intervenção social;
- a responsabilidade participativa de todos no mundo da saúde, da habitação, da escola, da comunicação social, do emprego, da economia, da política e da justiça;
- a busca da nova identidade portuguesa, dinâmica e em construção, aberta a outros valores e culturas, capaz de construir pontes culturais com outros povos;
- a construção de uma Europa baseada nos valores culturais e espirituais, sendo a integração na União Europeia e o fenómeno da globalização desafios constantes à comunidade portuguesa.

26. Os sinais de participação solidária convidam a alimentar a esperança como dinamismo gerador de uma nova atitude de empenhamento na comunidade. Face aos “pecados sociais”, característicos do nosso tempo, há que contrapor um espírito de responsabilidade participativa, justa e solidária na procura do bem comum e na construção do projecto comum de sociedade. Face à mentalidade de egoísmo e à cultura do efémero e do hedonismo, há que fomentar o sentido da eternidade e do dom desinteressado de si mesmo aos outros e ao bem comum. Face às calamidades ambientais, às guerras ou outras emergências, é preciso promover uma cultura da solidariedade.

Na mudança civilizacional que estamos a viver, o ponto de viragem para uma nova mentalidade está inscrito no coração humano: a pessoa realiza-se plenamente na medida em que se dá livremente aos outros. Disso depende a sua felicidade: “a felicidade está mais em dar do que em receber” (Act 20,35). Daí a afirmação do princípio, válido para os crentes e para todas as pessoas de boa vontade: “é necessário procurar não o bem de um restrito círculo de privilegiados, mas a”.

Continua na Página Cinco

Faz-te ao largo!...

À tua palavra, lançarei as redes (cf. Lc. 5, 4s)

Continuação da Página quatro

melhoria das condições de vida de todos. Somente sobre este fundamento se poderá construir aquela ordem internacional, orientada realmente para a justiça e a solidariedade, que todos almejam”

V

PRIORIDADES PASTORAIS

Queremos contribuir para uma mudança de atitude, marcada pelo dinamismo da solidariedade e da esperança. Somente com o empenhamento generoso de todos se podem alterar os sintomas da perda de confiança no bem comum, do desrespeito pelo próximo e da pouca dedicação ao serviço dos outros.

A mudança depende de cada um de nós e das prioridades que quisermos assumir de forma solidária.

28. O Ser humano. Na busca de caminhos e condições mínimas necessárias para uma sociedade justa e próspera, o ser humano está sempre no centro. O domínio sobre o mundo visível, que lhe foi confiado pelo Criador, “consiste na prioridade da ética sobre a técnica, no primado da pessoa sobre as coisas e na superioridade do espírito sobre a matéria”(…)

29. A Vida. Partilhamos os apelos urgentes que o Santo Padre nos tem dirigido, em particular nestes tempos tão conturbados pela guerra, como imperativos para evitar que povos inteiros e a humanidade se precipitem no abismo: Sim à Vida, não à Morte! Sim à Paz, não à Guerra! Sim à Solidariedade, não ao Egoísmo! (...)

30. A Família. Comunidade de vida e de amor, a família é a primeira e insubstituível escola de humanização e sociabilidade. A sua função social e política na sociedade é insubstituível, na medida em que é chamada a empenhar-se activa e responsabilmente no crescimento humano da sociedade e das suas instituições, na promoção do bem comum. Nesse contributo para o desenvolvimento da sociedade, deve ser dada prioridade à família, “comunidade de trabalho e de solidariedade”. O empenhamento de cada pessoa em sociedade depende muito da força da família. Famílias felizes são semente de uma sociedade diferente. (...)

31. A Paz. A defesa da Paz é sempre uma defesa da vida. A guerra, ao trazer o sofrimento e a morte, é sempre um atentado à vida humana. A prioridade à Paz implica ainda o respeito do direito, nos seus princípios comuns intocáveis, e dos acordos de paz assinados entre as nações, como garantia da segurança, estabilidade e liberdade dos cidadãos e dos povos. (...)

32. A Solidariedade. Possuímos todas as condições e meios para tornar efectivo o dever da solidariedade, de modo a que todos se sintam responsáveis pelo bem-estar comum. Disso depende o nosso futuro. É necessário alimentar a esperança, face a situações de jovens sem trabalho, de pessoas com deficiência marginalizadas, de pessoas idosas abandonadas, de países prisioneiros da fome e da miséria. (...)

33. A Identidade de Portugal. O futuro de Portugal como Povo, como Nação, como comunidade humana com uma identidade cultural própria que é preciso constantemente retomar, alicerça-se no passado e presente. O futuro de Portugal, carregado de ideal, na fidelidade a uma cultura, um Portugal com alma, com mística define-se como um desejo de amor, como uma expressão de amor e de ideal, de quem

sente que ser português é mais que uma realidade política, étnica, ou geo-económica; é uma alma que nos identifica, uma maneira de estar no mundo que nos define, um projecto que nos galvaniza, apesar da sua utopia.

Portugal é a ousadia de um Povo que, não se deixando limitar à sua pequenez geográfica, assumiu o primeiro grande projecto de universalidade, fazendo do diálogo e da convivência com os outros povos a verdadeira dimensão da sua vocação e da sua grandeza.

Um futuro para Portugal não se medirá, certamente, pela sua força económica ou militar, mas por esta capacidade de construir pontes entre as culturas, de pôr os homens em diálogo, de contribuir para o progresso da humanidade concebida como uma única família humana.

VI

CONCLUSÃO

34. Apelamos a todos os cidadãos, aos católicos e a todos os que partilham os princípios éticos da doutrina social da Igreja que sublinhámos, a que promovam com solidariedade responsável a vida pública da sociedade e o bem comum da comunidade, renovando os seguintes dinamismos:

- da esperança contra os pessimismos,
- da confiança contra os derrotismos,
- da participação contra os passivismos,
- do empenhamento responsável no bem comum contra os refúgios nos individualismos,
- do diálogo na procura de soluções para os problemas da nossa sociedade contra confrontos estéreis sem perspectiva de futuro,
- da justiça e da opção pelos pobres contra as desigualdades,
- do acolhimento dos estrangeiros e dos imigrantes contra as exclusões,
- da promoção dos direitos humanos contra os atentados à dignidade humana,
- da paz contra os terrorismos, conflitos e guerras,
- da democracia participativa contra as ditaduras,
- da reforma das leis e instituições públicas contra as estagnações,
- do cuidado pelo ambiente contra os desastres ecológicos e comportamentos irresponsáveis,
- da cultura da vida contra as culturas de morte,
- da dignidade da vida contra as doenças e destruição do ser humano,
- da paz social contra os ambientes de crise,
- da solidariedade e da subsidiariedade contra os egoísmos e injustiças.

Neste Ano do Rosário, invocamos a Mãe de Deus para que dê a todos mais confiança, esperança e generosidade. Unidos às intenções do Papa, rezamos pela paz, pelas famílias e por uma sociedade fraterna. Construir uma comunidade mais justa e solidária é tarefa de todos.

Lisboa, 15 de Setembro de 2003

Faz-te ao largo!...

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

Carta do Cardeal Patriarca de às Comunidades Cristãs do Patriarcado de Lisboa

Meus Irmãos e Irmãs,

No início de mais um ano pastoral, é-me grato dirigir-vos uma palavra de saudação, esperando que isso contribua para fortalecer a comunhão entre todos nós, que é comunhão de fé e de missão. São quatro os assuntos de que vos quero falar nesta Mensagem: acção de graças pelo meu Jubileu Episcopal; o Jubileu Episcopal de Sua Santidade o Papa João Paulo II; preparação do Congresso Internacional da Nova Evangelização; solidariedade para com a Diocese de Setúbal na restauração do Monumento a Cristo-Rei.

1. O meu Jubileu Episcopal: estou profundamente grato à Diocese, sacerdotes, religiosos e leigos, pela elevação e qualidade que imprimiram a estas celebrações. Senti-me Bispo para a Igreja, percebi de novo que a minha vida vos pertence, porque a deí a Deus, que me enviou a vós. O ministério episcopal não tem sentido sem a Igreja, ele encontra a sua verdade profunda na vida da Igreja, no seu crescimento como Povo de Deus e esposa do Senhor. Houve momentos muito fortes de vivência da fé e de unidade da nossa Igreja Diocesana. Entre todos sobressaiu a nossa peregrinação a Fátima no Dia da Igreja Diocesana. Calculo que cerca de um terço dos católicos praticantes da Diocese de Lisboa ali se reuniram, com os seus Bispos, em acção de graças e prece filial aos pés de Maria, Mãe da Igreja. Os espaços do Santuário não proporcionaram um encontro mais informal; todos sentimos disso a falta. Mas Nossa Senhora sabe como vos tinha, a todos e a cada um, no coração.

A todos quantos imaginaram, organizaram e participaram nesta festa da Igreja, digo uma única palavra: Deus seja louvado, muito obrigado a vós.

2. Jubileu do Santo Padre João Paulo II: é o grande Jubileu que toda a Igreja celebra este ano e todas as festas jubiliares devem para ela convergir. E segundo palavras do próprio Papa, todas estas datas festivas encontram sentido no Grande Jubileu de dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo.

A Igreja de Lisboa irá celebrar solenemente o 25º aniversário da eleição do Papa João Paulo II, no dia 18 de Outubro, no Estádio Nacional. Porque ele próprio quis associar o seu Jubileu ao Ano do Rosário, encerraremos, com essa celebração, o Ano do Rosário, com o "terço vivo", mostrando que são as pessoas as verdadeiras "contas" do louvor a Maria. Espero que a Diocese acorra, nesse dia, ao Estádio Nacional. Que todas as comunidades se façam representar; e que sobretudo os jovens, que têm um lugar tão especial no coração do Papa, respondam, com a sua presença, a essa predilecção. Essa celebração aprofundará em nós a comunhão com o Santo Padre e o amor a Maria, Mãe da Igreja.

3. Congresso Internacional da Nova Evangelização: como é já do conhecimento de todos, realizar-se-á em Lisboa no Outono de 2005. Entramos, assim, num período de preparação próxima. Será publicada nestes dias uma Carta Pastoral que escrevi à Diocese sobre o Congresso e a Missão na Cidade. É meu desejo que ela seja acolhida nas comunidades e inspire os caminhos e as atitudes preparatórias do Congresso. Quem evangeliza é a Igreja, comunidade dos crentes. Tomar mais a sério a vida da fé é a única preparação sólida para as acções evangelizadoras. A oração fervorosa e confiante é preparação que pode começar desde já e que está ao alcance de todos, mesmo dos doentes e das pessoas idosas.

Embora o Congresso e a Missão na Cidade se desenrole na "grande Lisboa", o ardor da evangelização deve fazer-se sentir em toda a Diocese. Espero que do Congresso brotem dinamismos que depois se prolonguem numa nova vitalidade de toda a Igreja Diocesana.

4. O Monumento a Cristo-Rei: Foi construído, nos anos cinquenta do século passado, cumprimento de um voto dos Bispos de Portugal, feito para merecer de Deus a graça de poupar Portugal à Segunda Guerra Mundial. Do ponto de vista canónico, ficou integrado na Diocese de Lisboa, onde se situava. A dinâmica da Imagem de Cristo-Rei foi concebida pondo-o a abençoar e abraçar a Cidade de Lisboa. Lisboa tem um grande amor a este Monumento, mas também uma particular responsabilidade.

Com a criação da Diocese de Setúbal, o Monumento, continuando a abraçar Lisboa, ficou situado na nova Diocese. Num período transitório, a Bula de criação da nova Diocese deixou provisoriamente o Monumento sob a jurisdição do Patriarcado de Lisboa. Essa situação provisória foi ultrapassada, há cerca de cinco anos, integrando o Monumento na Diocese de Setúbal, sob a jurisdição do seu Bispo.

Há tempos que se vinha verificando a necessidade de obras de restauro, para contrariar a normal erosão do betão armado, que começava a criar riscos físicos para os visitantes. As obras acabaram por ser realizadas já sob a responsabilidade da Diocese de Setúbal, foram bem visíveis de Lisboa durante a sua execução, e custaram cerca de um milhão de euros. Este encargo é incomportável para a administração corrente do Monumento, que teve de se endividar para as pagar.

Dado o empenhamento de todas as Igrejas de Portugal na construção do Monumento, o Senhor Bispo de Setúbal pediu ajuda à Conferência Episcopal. Esta decidiu que, em todo o país, os ofertórios das missas no dia da Festa de Cristo-Rei, se destinarão a ajudar a Diocese de Setúbal a satisfazer esse encargo. Por isso assim acontecerá na Diocese de Lisboa, que, pelo que ficou dito, tem uma particular responsabilidade no Monumento a Cristo-Rei. Peço a generosidade de todos, pessoas e comunidades, e o Senhor vos recompensará. Espero que toda a Diocese ponha neste ofertório o mesmo empenhamento que seria necessário se o Monumento ainda estivesse sob a nossa responsabilidade.

Desejo a todos um início de ano pastoral cheio de generosidade e de esperança, para continuarmos a edificar a "Casa do Senhor"

Fraternalmente saúda-vos e abençoa-vos.

Lisboa, 22 de Setembro de 2003

† JOSÉ, Cardeal-Patriarca

Faz-te ao largo!...
Faz-te ao largo!...

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)

LITURGIA DA PALAVRA**5 de Outubro – XXVII DOMINGO DO TEMPO COMUM**

" O Senhor nos abençoe em toda a nossa vida. "
 " Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós
 e o seu amor em nós é perfeito. "

1ª Leitura: Gen 2, 18 – 24 Sl: 127 2ª Leitura: Hebr 2, 9 – 11 Evangelho: Mc 10, 2 – 16

12 de Outubro – XXVIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

" *Saciai-nos, Senhor, com a vossa bondade e exultaremos de alegria. "*
*" Bem-aventurados os pobres em espírito,
 porque deles é o reino dos Céus. "*

1ª Leitura: Sab 7, 7 – 11 Sl: 89 2ª. Leitura: Hebr 4, 12 – 13 Evangelho: Mc 10, 17 – 30

18 de Outubro – S. LUCAS, Evangelista - Festa

" Os Vossos santos, Senhor, proclamem a glória do Vosso reino. "
 " Eu vos escolhi do mundo, para que vades e deis fruto
 e o vosso fruto permaneça. "

1ª Leitura: 2 Tim 4, 9 – 17 Sl: 144 Evangelho: Lc 10, 1 – 9

19 de Outubro – XXIX DOMINGO DO TEMPO COMUM

" Desça sobre nós a vossa misericórdia, porque em Vós esperamos, Senhor. "
 " O Filho do homem veio para servir
 e dar a vida pela redenção de todos. "

1ª. Leitura: Is 53, 10 – 11 Sl: 32 2ª. Leitura: Hebr 4, 14 – 16 Evangelho: Mc 10, 35 – 45

26 de Outubro – XXX DOMINGO DO TEMPO COMUM

" Grandes maravilhas fez por nós o Senhor, por isso exultamos de alegria. "
 " Jesus Cristo, nosso Salvador, destruiu a morte
 e fez brilhar a vida por meio do Evangelho. "

1ª. Leitura: Jer 31, 7 – 9 Sl: 125 2ª. Leitura: Hebr 5, 1 – 6 Evangelho: Mc 10, 46 – 52

28 de Outubro – SS. SIMÃO E JUDAS, Apóstolos - Festa

" A sua mensagem ressoou por toda a terra. "
 " Nós Vos louvamos, ó Deus; nós Vos bendizemos, Senhor.
 O coro glorioso dos Apóstolos canta os vossos louvores "

1ª. Leitura: Ef 2, 19 – 22 Sl: 18 Evangelho: Lc 6, 12 – 19

**DIAS DE FESTA E DE MEMÓRIA PARA A
COMUNIDADE CARMELITA****1 de Outubro – S. TERESA DO MENINO JESUS, Virgem e doutora da Igreja - Festa****15 de Outubro – S. TERESA DE JESUS, Virgem e doutora da Igreja - Festa****AGENDA****OUTUBRO****7 – Terça-feira**

Reunião de Vigários

8 – Quarta-feira

Encontro de Responsáveis Paroquiais : Lisboa

5 – Quinta-feira

Reflexão sobre a Liturgia da Palavra de Domingo (19,15 h)

14 – Terça-feiraReunião da Vigararia
Centro de Preparação para o Baptismo (21,15 h)**16 – Quinta-feira**XXV ANIVERSÁRIO DA ELEIÇÃO DE SS JOÃO
PAULO II
Reflexão sobre a Liturgia da Palavra de Domingo (19,15 h)**18 – Sábado**CELEBRAÇÃO MARIANA NO ENCERRAMENTO DO
ANO DO ROSÁRIO COMEMORATIVA DO XXV ANI-
VERSÁRIO DO PONTIFICADO DE SS. JOÃO PAULO II**23 – Quinta-feira**

Reflexão sobre a Liturgia da Palavra de Domingo (19,15 h)

25 – Sábado

Aniversário da Dedicção da Igreja Catedral



João Paulo II
25 anos
C O N O S C O



Comunidade em Movimento - CONVIDAÇÃO - FAZ-TE AO LARGO!
Vivo na alegria e de modo gratuito - **FAZ-TE AO LARGO!** - **FAZ-TE AO LARGO!**

Coordenação: Frei Fernando Araújo, Abílio Casaleiro, Agnelo Noronha, Altamiro Figueira, Dimas Pedrinho, Sónia Ferreira.

Colaboradores Permanentes: Artur Morão, Luis Figueiredo, Manuel Carvalho, Rosa Churro

Impressão: Barata & Paula, Lda Tiragem: 1000 Exemplares

Propriedade: FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE STO. ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Av. Francisco Pacheco - 2671 - 801 SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - Tel. 219 884 366

INTERNET:- www.paroquia-sac.web.ptEMAIL: paroquia.sac@mail.ptEMAIL: comunidade.movimento@mail.pt

Faz-te ao largo!
 faz-te ao largo!
 faz-te ao largo!

A tua palavra, lançarei as redes! (cf. Lc 5, 4s)